

DESONRA: O BIOPODER E A COERÇÃO SOBRE AS MULHERES

DISGRACE: BIOPOWER AND COHERATION ON WOMEN

Paulo André Machado Kulsar 1

Resumo: Conforme Roland Barthes, a língua é um instrumento de poder e de coerção social. A literatura consegue se desvencilhar dessa opressão, contrariando o poder instituído através da ficção e do uso das palavras de forma a oferecer novos sentidos a elas, como também relacionando-as aos diversos saberes presentes na ciência. Foucault nos apresenta uma visão relacionada, o que ele chama de biopoder, que é o poder exercido sobre os corpos das pessoas, através de variadas formas de opressão e imposição. Um dos grupos sociais que mais sofre com o biopoder são as mulheres, que em quase todas as sociedades humanas são relegadas à subserviência. Este artigo busca analisar estas formas de imposição de força sobre as mulheres em *Desonra*, uma obra literária de Coetzee, cujo protagonista apresenta uma forte formação machista, acreditando que as mulheres são inferiores.
Palavras-chave: *Desonra*. Biopoder. Machismo. Literatura Africana.

Abstract: According to Roland Barthes, language is an instrument of power and social coercion. Literature is able to break free from this oppression, contradicting the power instituted through fiction and the use of words in order to offer new meanings to them, as well as relating them to the various knowledge present in science. Foucault presents us with a related view, what he calls biopower, which is the power exercised over people's bodies, through various forms of oppression and imposition. One of the social groups that suffers most from biopower is women, who in almost all human societies are relegated to subservience. This article tries to analyse these forms of imposition of force on women in *Disgrace*, a literary work by Coetzee, whose protagonist displays a strong sexist formation, believing that the women are inferior.
Keywords: *Disgrace*. Biopower. Chauvinism. African Literature.

O Poder da Língua

Roland Barthes considera que a língua é poder, é um dos principais meios utilizados pela humanidade para fortalecer e disseminar as ideologias. Em sua aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária no College de France, (BARTHES, 2015, p. 16/17) chamou a atenção para o fato de que a literatura não se limita ao papel de arte ou expressão, pois é também uma forma de exercício do poder. Por meio da liberdade permitida pela literatura, conseguimos nos desvencilhar da opressão exercida pela língua, pois a literatura é capaz de ir contra as imposições, ao contrariar o poder constituído. “A desconstrução da língua é cortada pelo dizer político, bordejada pela antiquíssima cultura do significante (BARTHES, 1987, p. 12).” A literatura, ao mesmo tempo em que deleita, instrui, sendo uma forma de fugir da rigidez da língua ao transformar o sentido das palavras e frases.

A linguagem é uma legislação, a língua é seu código. Não vemos o poder que reside na língua, porque esquecemos que toda língua é uma classificação, e que toda classificação é opressiva: *ordo* quer dizer, ao mesmo tempo, repartição e cominação (BARTHES, 2015, p. 12).

Ordenar, então, inclui tanto o sentido de classificar como o de ameaçar, castigar, penalizar. Ao impor uma ordem, mesmo que através de acordo, cria-se uma obrigação e conseqüentemente um instrumento de coação. Mas a literatura, ao lidar com essa matéria prima que é a língua, consegue se desvencilhar das amarras impostas a quem dela se utiliza para a comunicação.

Barthes diz, ainda, que “a literatura assume muitos saberes. (...) todas as ciências estão presentes no monumento literário.” (BARTHES, 2015, p. 18) Com isso, a literatura é o espaço onde a ciência tem o potencial de se transformar em realidade, pois ela retrata o mundo real, mas o traduz de forma a tocar o leitor, e fazê-lo refletir a respeito de seu mundo e de suas referências. Ao dialogar com todas as áreas do saber, sem se submeter a nenhuma delas, a literatura permite ao leitor entrar num mundo em tese ficcional, mas repleto de referências reais. Mesmo considerando a Literatura Fantástica, que se vale de situações supostamente absurdas, os paralelos traçados com a realidade aludem a eventos autênticos, o que cria uma verossimilhança interna e quebra com a possível sensação de estranhamento.

Compagnon argumenta que durante muito tempo se deu a justificativa de que, como

Exercício de reflexão e experiência de escrita, a literatura responde a um projeto de conhecimento do homem e do mundo. Um ensaio de Montaigne, uma tragédia de Racine, um poema de Baudelaire, o romance de Proust nos ensinam mais sobre a vida do que longos tratados científicos. (COMPAGNON, 2012, p. 26)

Mas que esse argumento foi desqualificado pelo cientificismo, o que foi respondido pelos literatos com uma aproximação da literatura com a ciência, inspirando-se no modelo científico. Aproximando-se dos formalismos da ciência, a literatura evitaria uma ruptura entre os campos.

Contudo, é essencial perceber que “a narrativa (...) é insubstituível para configurar a experiência humana, a começar pela experiência do tempo. Assim, o conhecimento de si pressupõe a forma da narrativa.” (COMPAGNON, 2012, p. 33) E com isso, Compagnon reforça o argumento de Barthes, de que

A literatura é de oposição: ela tem o poder de contestar a submissão ao poder. Contrapoder, revela toda a extensão de seu poder quando é perseguida. Resulta disso um paradoxo irritante: a liberdade não lhe é propícia, pois priva-a das servidões contra as quais quer resistir. (COMPAGNON, 2012, p. 34)

Ao desafiar o poder constituído e contestar suas imposições, a literatura assume a possibilidade de trabalhar uma nova forma de poder: a transformação das convicções do leitor, muitas vezes de forma sutil e imperceptível, mas efetiva. Ao se identificar com um personagem ou

rejeitá-lo, o leitor pode passar a assumir posturas ideológicas de acordo com a imagem construída daquele personagem.

O Biopoder e as normas sociais

As relações humanas sempre se basearam em poder. O poder de decidir quem tem direito a um bem ou a uma ação são intrínsecos ao funcionamento da sociedade. Se cada indivíduo pudesse tomar suas decisões arbitrariamente, sem se preocupar com aqueles que estão ao seu redor, a sociedade estaria condenada. Não haveria possibilidade de se estabelecer o convívio, uma vez que todos estariam em guerra contra todos, como imaginou Thomas Hobbes, em seu *Leviatã* (HOBBS, 2006, p. 57). Alguém que se considerasse proprietário de uma coisa que outro já houvesse reivindicado anteriormente teria direito à coisa? Como decidir, senão com o uso da força física?

Uma boa ilustração disto são as crianças mais fortes que abusam das mais fracas. É uma relação desigual, que só se resolve com a interferência de adultos (poder legitimado), ou seja, autoridades ainda mais fortes, ou por meio da pressão do grupo, a partir da organização das crianças mais fracas que se unem para impedir os abusos por parte dos mais fortes. Então, surgem aí duas figuras essenciais para a sociedade: a autoridade que tem legitimidade através da força e a autoridade coletiva, que se impõe através da organização social, motivada pelo sentimento de injustiça.

Com o tempo, as regras de convívio social foram-se adaptando aos anseios dos grupos sociais, mas sempre privilegiando alguns em detrimento de outros. Afinal, não é possível satisfazer a todos durante todo o tempo, visto que os recursos são escassos, e alguns têm mais força que outros, conseguindo assim se sobrepor nas competições. Mas esta força não é necessariamente a força física. Não é o indivíduo mais musculoso que domina os outros. Nem aquele considerado o mais inteligente. Existem diversos fatores que determinam a distribuição do poder, entre eles a associação. Coletivamente, os seres humanos são mais fortes que os indivíduos. E essa força por vezes se impõe pela força bruta, por vezes pelo convencimento, e outras por insinuações.

Michel Foucault é um dos principais pensadores deste tema no Século XX. Ele nos chama a atenção para como os modos de dominação influenciaram na normatização da subjetividade humana. Foucault, no Volume I de *História da Sexualidade*, analisa o poder soberano, em que o governante estabelece o direito de vida e de morte. Ao soberano cabia decidir quem poderia viver e quem deveria morrer para que a sociedade pudesse continuar funcionando em paz. Nesta lógica, os súditos confiavam no soberano, que também definia as leis, para solucionar os conflitos e determinar as punições a quem transgredia as regras.

Com a mudança de perspectiva da sociedade, que passa a buscar direitos individuais, as condenações à morte perdem o apoio popular, e o poder sobre os corpos muda de foco. A defesa da vida do soberano passa a implicar em um direito indireto, em que os súditos são convocados para defender o soberano em guerra. Ou seja, o poder sobre as ações individuais dá lugar ao poder sobre as ações impessoais, ou seja, pessoas vão morrer, mas o soberano deixa de decidir quem especificamente. Isso torna o poder sobre os corpos mais impessoal, apesar de permanecer existindo.

Foucault identifica que houve uma divisão do poder sobre a vida em dois pólos de desenvolvimento: primeiro uma preocupação com o corpo como máquina, adestramento para realizar atividades que interessariam ao poder constituído, ampliação de certas aptidões, extorsão de suas forças, ou seja, uma preocupação voltada ao plano econômico. Os corpos deveriam se desenvolver e adaptar para aumentar a capacidade de produção, sendo fortes, habilidosos e dóceis, na medida em que pudessem contribuir para a economia. Em segundo lugar, o corpo enquanto espécie, sustentáculo da vida e dos processos biológicos, entre eles destacadamente a reprodução, mas também questões de saúde, longevidade, mortalidade. Desenvolve-se, então, uma biopolítica da população, preocupada em regular e controlar a maior quantidade de aspectos relacionados à vida das pessoas. A este controle sobre os corpos Foucault denomina Biopoder.

Com as democracias, o poder soberano deixa de ser exclusivo e passa a ser exercido por pessoas eleitas para ocupar mandatos, e as decisões são cada vez menos pessoais, e mais dependentes da coletividade. Mas isso não significa que deixe de existir. O Biopoder se desenvolve no sentido de controlar as vidas. Distribuir os vivos em um domínio de valor e utilidade. Daí surge a

possibilidade de interferência coletiva na legislação e no controle dos corpos, através das eleições de representantes, que recebem uma legitimação por parte dos controlados, que têm a sensação de estar participando das decisões.

A lei faz sentido com a ameaça de penalização ou morte, mesmo que em casos extremos. A constante ameaça do poder governamental coage a obedecer às leis. Há os que preferem assumir o risco de serem pegos após cometerem crimes, mas são uma minoria. A população em geral teme as represálias, tanto por parte do governo como de seus círculos sociais. Isso garante certo controle sobre a criminalidade. A divulgação de dados a respeito também contribui para o controle. A sensação de insegurança permite que o governo invista mais em aparatos repressivos, com apoio da população. Neste sentido, os meios de comunicação representam um importante auxiliar do governante, ao difundir notícias que geram pânico na população, o que legitima o aumento do controle dos corpos.

As instituições jurídicas são organizadas de forma a controlar e regular a vida das pessoas, através de dispositivos (médicos, administrativos). Assim, a assistência à saúde passa a ser controlada por estatísticas que fornecem informações importantes ao governo, que passa a definir suas prioridades levando em consideração as características da sociedade. Se por um lado isso pode levar a uma intensificação na redução de certos tipos de doenças, em programas de prevenção, por outro lado também tem o potencial de decidir quem vive e quem morre. Quem terá acesso aos medicamentos adequados e quem ficará à mercê da natureza.

Saúde e educação são os principais caminhos para que esse controle sobre os corpos se torne efetivo. A partir de meados do Século XIX, os Estados passam a desenvolver políticas de saúde oficiais, com o intuito de sanear ou aperfeiçoar eugenicamente as populações. Os criminosos, os homossexuais e os considerados loucos foram objeto de estudos científicos, que buscavam compreender o que os levava a comportamentos destoantes do padrão reconhecido como normal pela sociedade e principalmente pelos governos. Seriam pessoas defeituosas, que deveriam ser afastadas do convívio social e, se possível, curadas de suas condições. Se não fosse possível a cura, que fossem eliminadas, por representar perigo para a sociedade.

Em seguida, o foco dos programas oficiais de saúde passou para as mulheres. Estas, por gerar novos cidadãos, deveriam receber atenção especial com o objetivo de garantir as melhores condições para a prole, que deveria nascer forte e sadia. Como estudos apontavam para uma significativa relação entre a saúde da mãe e a do filho, o controle pré-natal se mostrou uma solução eficiente para melhorar as perspectivas de crianças saudáveis.

Importante ressaltar que a ginecologia se desenvolveu fortemente durante o Século XX, com uma grande preocupação com a capacidade reprodutora das mulheres. Enquanto isso, a andrologia nunca se firmou como especialidade, já que os homens sempre foram considerados os legítimos representantes da espécie humana, sendo que as mulheres, inferiores, precisariam de especialidades, ginecologia e obstetrícia sendo as mais significativas. As políticas de saúde, como por exemplo a contracepção, são voltadas em geral para as mulheres. Elas são estimuladas e até doutrinadas a tomar remédios contraceptivos.

Por meio do argumento de que o governo está se preocupando com a prevenção de problemas de saúde, controlam-se os comportamentos dos cidadãos, através de campanhas de vacinação, distribuição de medicamentos, palestras em escolas e empresas. A partir do momento em que a população fica convencida de que o interesse do governo é cuidar da saúde, a aceitação dos métodos definidos pelos governantes é quase automática. Há pouco questionamento sobre a efetividade das ações ou sobre eventuais opções, que poderiam ser aplicadas em outro público.

Os financiamentos para pesquisas, as campanhas de prevenção a doenças, as verbas destinadas às universidades e dentro destas, aos departamentos de pesquisa, são formas de controlar quais as prioridades, o que será desenvolvido e o que ficará mais difícil de desenvolver. Aqui, além das decisões governamentais, aliam-se as empresas privadas, cujos objetivos vão além do lucro, e passam também pelo controle dos corpos e das vontades.

O sexo, então, se caracteriza como importante forma de disputa política e controle dos corpos. As decisões sobre quem será controlado, quem terá direitos e deveres, quem participará de experiências e quem poderá se valer dos resultados, tudo isso é relação de poder, e os governos têm uma grande responsabilidade na definição de como este poder será exercido e distribuído.

A regulação das populações, não apenas em quantidade, mas em termos de qualidade e de organização, faz parte deste controle. Não é à toa que os sistemas públicos são sobrecarregados. Há um interesse por parte dos detentores do poder governamental, que através desta dependência conseguem ampliar o controle sobre os corpos. Assim, pode-se decidir quem vive e quem morre, sem a necessidade de guilhotinas ou forcas.

Além do poder oficial do governo, que desenvolve dispositivos e discursos para aumentar o controle sobre os corpos, existe um outro nível de poder coercitivo, que não está ligado diretamente ao Estado, mas que é praticado em quase todas as sociedades conhecidas: o poder que os homens exercem sobre as mulheres. Aquilo que hoje é entendido como “machismo” foi naturalizado por milênios, as mulheres sendo consideradas o sexo frágil, recebendo a atribuição de cuidar dos filhos e das tarefas domésticas, enquanto os homens deveriam prover a família de alimentos e proteção física. No contexto familiar, religioso, no trabalho, na escola, as mulheres sempre foram relegadas a um plano auxiliar, em que o homem comanda e a mulher ajuda ou não atrapalha.

Desigualdades físicas são usadas como argumento para reificar a superioridade masculina, mesmo após a revolução tecnológica, que permitiu a substituição da força física por aparelhos que executam tarefas anteriormente atribuídas a pessoas com muita força física, ou seja, homens. O manuseio das máquinas já não exige a presença de homens. Assim, as mulheres estariam aptas a ocupar as mesmas posições na cadeia produtiva.

Entretanto, as hierarquias baseadas em gênero permanecem. As mulheres passaram a ocupar espaços dentro das universidades, das empresas, mas os cargos mais elevados nas hierarquias profissionais continuam reservados aos homens, apesar da comprovada equivalência de capacidades físicas e intelectuais. A lógica de que homens produzem, mulheres reproduzem é a base da organização das sociedades modernas. Mulheres reproduzem não no sentido de copiar, mas no sentido biológico, de dar sequência à espécie. Esta é a função principal. Assim, o homem é dominante, enquanto a mulher é dominada.

Desde a década de 1960, as mulheres vêm lutando por direitos, principalmente aqueles ligados à questão reprodutiva, como utilização de contraceptivos e o direito ao aborto. Ou seja, controle sobre o próprio corpo. A partir do momento em que as mulheres abandonam a idéia de serem exclusivamente reprodutoras, e advogam para si o poder de decidirem sobre seus corpos, tanto biologicamente como profissionalmente e politicamente, os homens sentem a perda de seu poder sobre elas. E isto representa uma mudança drástica na forma de organização da sociedade e na relação de poder consolidada. O poder sobre o corpo da mulher vai gradativamente mudando de forma e de lugar.

O corpo que é objeto de desejo masculino, e de violências várias, como o sentimento de posse e o estupro, assim como a violência psicológica derivada do assédio, passa a ser visto pelas mulheres como seu, e não mais do homem. Os dispositivos de dominação como as práticas discursivas, as ideologias, medidas administrativas, técnicas científicas, regras morais, proposições filosóficas, nem sempre percebidos pelas pessoas, exercem um poder difuso mas extremamente eficiente no controle dos corpos, e as mulheres sofrem os efeitos amplificados, pois a lógica da construção dos dispositivos é a lógica do homem, aquele que sempre dominou os espaços de poder nos grupos sociais.

Miguel e Biroli nos alertam que

a vigência dos estereótipos, as estruturas de autoridade ainda dominadas pelos homens e as múltiplas responsabilidades adicionais, que são típicas da condição feminina nas sociedades marcadas pelo sexismo, tornam a experiência do trabalho assalariado mais penosa para as mulheres do que para os homens, o que, de formas diferentes, ocorre em todos os níveis da hierarquia de ocupações. (MIGUEL e BIROLI, 2014, p.7)

o que nos mostra mais uma faceta do controle sobre as mulheres. Ainda é comum encontrar mulheres que concordam com o discurso legitimador das diferenças salariais, argumentando que as mulheres engravidam, e as empresas ficam muito tempo sem as funcionárias. Como se a

reprodução não dissesse respeito aos homens.

David Lurie e o machismo

J. M. Coetzee, em seu romance *Desonra*, retrata um homem moldado por esta lógica, em que a mulher é submetida aos prazeres masculinos, é objetificada e abusada, como se o homem fosse seu dono. O protagonista David Lurie é um professor universitário (como nos apontou Foucault, a educação é uma das formas de controle sobre os corpos) dedicado ao estudo da poesia, cuja relação com as mulheres é de total desrespeito, pois não tem a menor preocupação com a empatia. Divorciado, tem encontros semanais com uma prostituta, Soraya, e seu sentimento sobre ela é de posse. Ele a vê como um instrumento de prazer. Acha bom que “seu temperamento, na verdade, é sossegado. Sossegado e dócil.” (COETZEE, 2003, p. 8) Fica surpreso com as opiniões moralistas de Soraya, e considera incoerentes com o tipo de trabalho que ela faz. E não pergunta. Não sabemos se porque não se importa com a opinião dela ou se porque considera que não há necessidade de coerência. Afinal, ela é uma mulher, uma prostituta, uma subalterna.

Podemos perceber que David Lurie é preconceituoso ao considerar que uma prostituta não pode ser moralista quanto a certas práticas sociais. Não é capaz de imaginar (aliás, não é capaz de tentar) que a moça possa ter uma vida particular, que aquele não seja seu “trabalho dos sonhos”. Ele tem certa afeição por ela, e acredita que ela também por ele. E considera que ambos têm sorte por terem se encontrado. Pensa em manter uma relação com ela fora daquele ambiente controlado pela agência, e passa a assediá-la quando ela deixa de servi-lo.

Ele não sabe lidar com a rejeição ou com a individualidade da garota. Ela tem sua própria vida, mas isso para ele não importa. Como o ponto de vista da narrativa é o do personagem Lurie, ele se sente vitimizado pelo abandono. Não consegue enxergar o lado de Soraya, não compreende que ela tem sua própria vida, e tem o direito de seguir com ela conforme seus próprios interesses. Reflexo da mentalidade machista arraigada durante séculos de dominação física e psicológica, conforme descrito por Foucault.

Ao perder o poder que acreditava ter sobre Soraya, David passa a investir em uma aluna, Melanie. Ele sabe que a relação é inadequada, se questiona se está preparado para se relacionar com uma menina 30 anos mais nova, e que é sua aluna, está sob sua tutela. Durante o primeiro jantar juntos, ela diz que não gosta de cozinhar, e ele imagina uma cena com os dois casados, a esposa chegando e o marido com o jantar pronto, de avental. E pensa: “Inversões: matéria-prima da comédia burguesa” (COETZEE, 2008, p.21) Mais um traço machista do narrador, que desconsidera a hipótese de que seja normal um homem cozinhar e a mulher trabalhar fora, sustentar a casa. Melanie não tem forças para resistir ao assédio e ao abuso praticados pelo professor. Novamente, o ponto de vista do personagem é de quem não é capaz de perceber que a relação só tem um lado. Não enxerga que a garota não sente prazer ou segurança a seu lado, e está sendo coagida, sem direito a expressar suas sensações e interesses. Ela, também submetida à lógica social machista, à lógica da autoridade constituída, não se rebela contra os abusos, apesar de tentar deixar claro que não se sente confortável.

David Lurie chega a estuprar a aluna, mas não considera ter agido errado. Percebeu no momento do ato que ela se recusava, mas prosseguiu com o estupro. Melanie esboçou reação, mas não foi veemente. E o abusador, por conta disso, acredita (ou se convence) que não houve violência. Ao sair, pensa que foi um erro, um grande erro. Mas não assume a culpa realmente.

O professor até se questiona em alguns momentos, fica inquieto, pergunta-se se está agindo corretamente ou não. Mas nunca expressa empatia. Suas preocupações são sempre com as possíveis consequências para si próprio. Ao ser denunciado por abuso, insiste em não ouvir conselhos do advogado ou de seus pares, assume que abusou da aluna, mas não que errou. Uma reação tipicamente machista, de quem acredita que se a garota se entregou foi porque queria, e não porque foi coagida. Ele não aceita que precise de aconselhamento ou de arrependimento por atender a seus desejos de homem.

Perde o emprego e decide passar um tempo com sua filha na fazenda. Lá, se depara com uma outra realidade. Sua filha, lésbica, vive solteira, pois sua companheira (“amiga”, na visão do pai) partiu. Um negro é seu funcionário, e ela revela que se tornou seu sócio. David julga sua filha Lucy pela aparência, pela opção de viver daquela forma, numa fazenda distante de tudo. Ele se

preocupa por não viver com uma mulher há muito tempo, pois terá de ser organizado e se cuidar. Mais um estereótipo machista, de que mulheres têm que ser bem cuidadas e organizadas, e o homem perto delas tem de fazer a mesma coisa. Mas ao mesmo tempo que pensa isso, reflete que a filha está gorda e mal cuidada, como acontece com quem se retira do campo do amor. Seu foco, como sempre, está no sexo, que confunde com amor. Sempre que se refere a relações sexuais, usa a palavra amor. Mas pela forma como fala, é perceptível que seu conceito de amor é bastante deturpado, pois não compreende a necessidade de respeito e de reciprocidade.

Tem consciência de seu preconceito contra Bev Shaw, assim como contra as amigas de Lucy, pois não gosta de mulheres que “não fazem nenhum esforço para ficarem bonitas” (COETZEE, 2008 p.84). Conversando com Lucy sobre os cuidados com os animais, após conhecer Bev, ele se revela: “É todo mundo tão alegre e bem-intencionado que depois de algum tempo você fica com vontade de sair por aí estuprando e pilhando um pouco.” (COETZEE, 2008 p.86) Lucy retruca que o pai condena sua opção de vida, mas ela contesta a possibilidade de uma vida mais elevada, pois a vida real é aquela. As diferenças de concepção são gritantes.

Podemos perceber a visão que David tem sobre o estupro. Ele estuprou Melanie e não sente remorso nenhum. Na universidade, diz que era escravo de Eros quando abordou a aluna. Faz um comentário para Lucy normalizando o estupro. Ele considera que os desejos sexuais são superiores à razão e ao controle humanos. E confessa isso ao criticar o cuidado com os animais. Muito revelador.

David olha a filha e pensa que ela é bonita, mas inacessível aos homens (COETZEE, 2008 p.89) por ser lésbica. Mais uma vez, a objetificação da mulher. Sua própria filha deveria estar disponível para os homens, para o prazer dos homens. A beleza serve para isso na cabeça dele: para dar prazer aos homens. Pensa como ela deve ser na cama com as amantes. Sexo é a base da existência, para David Lurie.

Após um passeio, três homens negros assaltam a casa, e David pensa que Lucy foi estuprada. Ela não fala sobre o assunto, então o pai fica elocubrando sobre a visão da filha sobre o estupro. “Estuprar uma lésbica é pior que estuprar uma virgem. O golpe é maior” (COETZEE, 2008 p.121). David faz juízo de valor numa situação em que não há possibilidade de valoração. Que tipo de critério ele adota para este tipo de análise? “Talvez as lésbicas sejam apenas isso: mulheres que não têm necessidade de homens” (COETZEE, 2008 p.121). Na cabeça dele, uma virgem tem necessidade de homens, assim como todas as mulheres heterossexuais. Logo, o golpe de um estupro seria menor. Mesmo considerando que este pensamento surge num momento traumático, de busca por sentido em coisas que não fazem sentido, revela os preconceitos arraigados na mente de David Lurie.

Em outro momento, conversando com Bev Shaw sobre o estupro, fica indignado ao saber que Lucy havia dito à amiga que David não estava lá. Será que ela pensa que ele não sabe o que é um estupro? Quando se trata de estupro, um homem nunca está na posição de uma mulher? Novamente, podemos identificar a perspectiva de David baseada em seus conceitos enviesados. Se ele sabe o que é estupro, e qual a gravidade, qual o efeito disso na vida de uma mulher, por que estuprou sua aluna? Ele tem consciência de que a estuprou, mas se nega a reconhecer.

Posteriormente, Bev puxa conversa sobre as causas de sua demissão da universidade. David se indigna:

Que xereta! Engraçado como o arzinho de escândalo excita as mulheres! Será que essa criaturinha sem-graça acha que ele é incapaz de chocá-la? Ou será que ficar chocada é outra coisa que ela toma como dever, como uma freira que se deita para ser violada para que a cota de violação do mundo seja reduzida? (COETZEE, 2008 p.168)

Mais misoginia à flor da pele. É inconcebível para ele que Bev Shaw esteja interessada em seus sentimentos. Ele só enxerga a possibilidade de que ela o esteja cobrando, esperando que ele assuma o arrependimento. E faz com ela justamente o que imagina que ela esteja fazendo: julga e condena, sem a menor preocupação com o contraditório. Muito semelhante à sua atitude na universidade, quando teve a chance de se defender. Mas Bev, na verdade, está tentando quebrar o gelo, se aproximar emocionalmente, comparando o interior onde estão com a cidade grande, onde ele encontrava mulheres com facilidade para saciar seus desejos sexuais. Ele finalmente enxerga

uma mulher em Bev, “Num impulso, estende a mão e passa um dedo pelos lábios dela.” (COETZEE, 2008 p.169) Ela corresponde, mas não acontece mais nada, e vão embora da clínica. Mas na tarde seguinte, ela telefona e o convida para ir à clínica, num dia em que está fechada, e fazem sexo. Ele compreende que ela faz isso para socorrê-lo, para ajudar a amiga, sua filha. Mesmo assim, diz a si mesmo que “Depois da carne doce e jovem de Melanie Isaacs é isto o que me resta. É com isto que tenho que me acostumar, isto e até menos que isto.” (COETZEE, 2008 p.170) Entretanto, mesmo após esta aparente tomada de consciência sobre sua condição, cede ao preconceito arraigado, e pensa na “pobre” Bev, que deve estar comemorando que tem um amante, como Emma Bovary. Mas também reflete que, se ela é “pobre”, ele está à míngua.

Importante observar esta passagem, muito significativa, pois ele toma consciência de sua condição deplorável, da ausência de dignidade, mas tem a necessidade de colocar Bev abaixo dele. Ele não concebe que Bev tem com ele a mesma piedade que dedica aos animais terminais. Ela procura dar-lhe aquela última sensação de conforto antes da derrocada final. Mas David a considera uma amante, e por consequência, se torna desejável para ela. Neste momento, pode-se até considerar que ele precisa se agarrar a alguma crença de que não chegou ao fim de sua dignidade, mas a misoginia é tão arraigada que ele só consegue pensar em si mesmo.

Ele viaja à casa de Melanie, em Gerogetown, para falar com o pai dela. É atendido por Desirée, a irmã mais nova, e fantasia o sexo com ela e com Melanie. Mas resiste, e vai procurar por Isaacs na escola onde ele trabalha. Explica que Melanie

começou como uma aventura, uma dessas pequenas aventuras súbitas que um certo tipo de homem costuma ter, que eu tenho, que me mantêm vivo. (...) porém, aconteceu uma coisa inesperada. Para mim, foi como um fogo. Ela acendeu um fogo dentro de mim. (COETZEE, 2008, p. 188)

Depois de algum diálogo improdutivo, Isaacs o convida para jantar em sua casa, e David comparece, desconfortável. Desirée já não o trata da mesma forma. Está arredia e constrangida. Depois do jantar, David se desculpa com Isaacs, que lhe faz um sermão. Isaacs pergunta a David o que significa o arrependimento. O que muda em suas atitudes, depois de reconhecer sua culpa? David Lurie não sabe. Não entende.

Quando retorna à Cidade do Cabo, sua casa foi saqueada, e ele vai até a universidade. Em sua antiga sala, não vê nada do que era seu. Na parede, um pôster bastante simbólico: uma ampliação de uma História em Quadrinhos, em que o Super-Homem está de cabeça baixa, levando uma bronca de Lois Lane (COETZEE, 2008, p. 200). Lois Lane, a mulher bem sucedida, símbolo da emancipação feminina nas Histórias em Quadrinhos, de “namorada do Super-Homem” a protagonista de sua vida. O pôster representa a força da mulher sobre o homem, que apesar de ter superpoderes, acaba tendo de se submeter à razão, simbolizada por Lois, que o coloca “em seu devido lugar”. David Lurie pode não perceber, mas é ele quem está ali, na parede, o outrora super-homem que tinha o poder e a razão, agora tem de abaixar a cabeça para as mulheres que ele antes submetia e humilhava.

Ele tenta retomar o projeto de escrever um musical sobre Byron, focado em Teresa. Primeiro, a Teresa jovial, apaixonada pelo homem mais velho, mas descartada, insatisfeita. Mas não consegue se sentir tocado. A música imaginada não combina. Pensa depois em uma Teresa na meia-idade, decadente depois do abandono do amante que lhe dava sentido à vida. Isso parece funcionar, e ele começa a encontrar sentido naquilo.

Quando volta à fazenda, descobre que Lucy está grávida do estupro, e decidiu ter o filho. Discutem, não se entendem, e ele decide ficar por perto, mas não na fazenda. Não aceita a ideia de que algo possa acontecer a Lucy quando estiver longe. Como se ele fosse capaz de oferecer alguma proteção. Aliás, pode-se pensar que as coisas só aconteceram porque ele apareceu por lá. Lucy tinha sua estabilidade e respeito antes de sua presença.

Volta a ajudar Bev na clínica, passa os dias a compor sua ópera, mas percebe que não sairá nada dali, só uma repetição eterna, sem sentido. Ao término do livro, a sensação de que nada mudou efetivamente na forma de Lurie pensar as relações de poder é desconfortável. Como em todo o livro. As percepções misóginas são tão arraigadas que nem com todos os acontecimentos por ele vivenciados ele percebe que o mundo não gira a seu redor. Ele desiste por não ter mais forças, e

não por abandonar suas crenças. A solidez de suas convicções (teimosia?) é tão significativa que ele as carrega até seu ocaso enquanto homem (dentro de sua concepção de homem – macho).

O machismo é natural?

A percepção de estar sempre certo, de ser o incompreendido, é típica dos machistas que se compreendem os donos da verdade e do poder, e não admitem a contestação de sua dominância. Sua relação com as mulheres é sempre impositiva, nunca de diálogo. Como nos esclarece Almeida em seu prefácio onde apresenta Spivak, “a mulher como subalterna, não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir” (SPIVAK, 2010, p. 15) As personagens femininas no romance de Coetzee se submetem a Lurie, ou não são consideradas por ele como dignas de serem ouvidas ou respeitadas. As que o confrontam são desprezadas, enquanto as que se submetem a seus caprichos e vontades são consideradas fracas e suscetíveis. Quando ele dialoga, nunca está aberto à opinião da interlocutora. Ouve mas não entende, e não faz questão de entender. A sua verdade é sempre superior. Mesmo que o mundo esteja desmoronando à sua volta, ele não admite estar errado. Em sua cabeça, os outros erraram com ele, que é vítima de tudo o que ocorreu, de todas as desgraças.

David Lurie não é uma aberração, um maníaco. Ele é um homem comum, inserido numa sociedade essencialmente machista, fruto de séculos de dominação masculina, de imposição de biopoder. A naturalização do machismo é tão arraigada que após o lançamento do livro, muitos discutiram se ocorreu ou não o estupro de Melanie. É fundamental que a sociedade do Século XXI se aperceba da violência exercida sobre as mulheres, e se movimente no sentido de rever os valores machistas, desnaturalizando-os e transformando o mundo num ambiente mais justo, em que as mulheres sejam respeitadas enquanto seres humanos, e parte essencial da humanidade.

Referências

- BARTHES, Roland. **A Aula**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2015.
- BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- COETZEE, J. M. **Desonra**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?**. Tradução de Laura Taddei Bandini. Belo Horizonte: UFMG, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade. Volume I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- HOBBS, Thomas. **Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil**. Tradução de Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- MIGUEL, Luis Felipe e BIROLI, Flavia. **Feminismo e Política – Uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 2015.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Recebido em 30 de novembro de 2018.

Aceito em 9 de abril de 2019.